

ESTADO DE SÃO PAULO Os bebês do Dr. Sarney *Economia Brasil*

23 NOV 1986

GERALDO FORBES

A mais notável vitória nestas eleições coube ao senador Voto Branco e ao deputado Voto Nulo. Em alguns casos e Estados os dois juntos alcançam mesmo a maioria absoluta dos sufrágios.

Como a toda vitória corresponde uma derrota, pergunta-se quem perdeu. Perderam os partidos, os pífios políticos profissionais, o nosso episódico presidente e sobretudo a causa da reinstitucionalização do País.

Era de se prever, mas foi ainda pior do que se imaginava. A farsa da Constituinte Congressual arquitetada de comum acordo pelo sr. Sarney, os tutores militares e a chamada classe política, acaba de ser rejeitada pelo povo brasileiro.

Não é possível, depois desta evidência, que ainda se queira insistir na felição da Constituição do terceiro milênio por uma Assembleia formada de salvados do incêndio.

Se antes já havia poderosos argumentos político — filosófico — morais contra o embuste constitucional — os senadores de 82, a representação desproporcional ao eleitorado, o conflito dos interesses políticos-partidários com os interesses nacionais, a falta de debate etc. etc. etc. — agora temos um fato inegável que liquida qualquer pretensão de legitimidade da futura nati-morta: o povo não a quer.

O voto em branco não é um cheque em branco. É um sinal vermelho de rejeição. Ignorância, protesto, pressa, seja qual for à desculpa com que se procura ansiosamente justificar ou explicar a sua avalanche, a verdade permanece sendo flagrante: a maioria não votou a Constituinte. Não a quer. Tem de se começar de novo. Prosseguir nesta comédia é violar a voz da cidadania.

O nível da campanha em todo o Brasil foi tão rasteiro que as eleições não passaram de um vulgar concurso de Rainha do Rádio. Ganharam votos os apresentadores de TV, os locutores e os frequentadores

de shows políticos. Não sendo o País a Radiolândia, fica prejudicada qualquer tentativa de se levar a sério um estatuto preparado por tal patota.

O Brasil precisa sim de uma Constituição. Para isto temos de voltar as urnas e eleger uma verdadeira Constituinte. Nas eleições da semana passada elegemos os governadores. O resto não vale. Os votos nulos e brancos são como a talidomida — deformaram o resultado. A nova Câmara Federal é um monstro minoritário que nasce à sombra do voto da desconfiança. Filha da derrota da proposta governamental não pode prosperar.

O País pediu nova eleição para a Constituinte. Esta a mensagem para os que têm olhos de ver. Este o claro reclamo para os que têm a verdade na inteligência e a Pátria no coração.

A outra cria presidencial é o temporário Cruzado Ribamar Jr., em vias de doloroso parto no momento do preparo destas linhas. Curioso caso médico — um aborto de nove meses.

Todos já sabem que os consertos requeridos pela vivência do plano de estabilização foram irresponsavelmente postergados pela valdade, teimosia e cegueira dos administradores, cerceados ainda mais pelos interesse eleitorais do sr. Sarney.

A expectativa otimista de 28 de fevereiro transformou-se no abismo de incertezas que ora vivemos por culpa exclusiva dos homens de Brasília. Uma grande oportunidade fraudada que merece a inclemência da história.

Pois agora dão a luz os remendos. Sai finalmente das sombras da clandestinidade o produto das idéias econômicas de um pequeno e restrito grupo de acadêmicos e diletantes que, apesar de sua pouca experiência do mundo real, arvora-se do direito divino de reordená-lo solitariamente.

Lembra muito a improficua ação daqueles outros gênios da raça — Geisel e Golbery. Sem qualquer mandato, mas com a mesma arrogância, o dr. João Ma-

noel & Cia. Ldtíssima acabam de decidir os destinos da economia nacional. Mas, como são verdadeiros e sinceros os democratas (ao contrário de seu arquinimigo Delfim), deram-se à generosidade de fazer consultas à sociedade.

Ridícula mentira. O que fizeram foi informar, a posteriori, uns poucos líderes do PMDB sobre seus projetos.

Houve também a farsa da consulta aos Governadores. Imaginem-se só a extraordinária contribuição do preclaro governador Amazonino Mendes ao debate sobre a dívida externa e o brilho da opinião do governador de Rondônia sobre a crise da Siderbrás. Já nem é mais ridículo. É uma lamentável palhaçada.

Neste circo de cavalinhos do dr. Sarney só não foram ouvidos os mais interessados — os assalariados, os profissionais liberais, as classes produtoras, o país real enfim. Outra vez, em monótona repetição, desaba sobre as nossas cabeças mais um pacote.

Temos de volta o regime dos sábios-benevolentes. Um grupelho de pseudo-entendidos, alojados em dois ou três ministérios, decidem sozinhos à nossa revelia, mas com a luminosa ajuda do paraquedista Sarney, toda a estrutura econômica do País. Não nos dão qualquer satisfação prévia, não admitem contribuições ou críticas. São os redatores exclusivos do Almanaque Eu-Sei-Tudo. Nem mesmo o deputado Delfim Netto exibiu tanta arrogância, embora sócio da ditadura.

Pobre País. Tanta luta para mudar e acaba vítima pela petulância de uns poucos.

Todos vendo o perigo. O esgotamento das reservas, a hipoteca dos subsídios, a paralisa dos investimentos. Todos reclamando a verdade nas relações de trocas. Todos temendo a mentira da inflação manipulada. Todos esperando, há meses, medidas corretivas.

Afinal, acolitado pelas comadres, a timidez e a demagogia o Planalto patrio. Mais um ratão para roer os nossos bolsos.